

Trocando ideias com Ubaldo Cesar Balthazar

Ana Carolina de Freitas¹
Universidade Federal de Santa Catarina



Ubaldo Cesar Balthazar. Foto: Arquivo pessoal.

Ubaldo é reitor da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), mandato 2018-2022. Doutor em Direito pela Universidade Livre de Bruxelas, com tese defendida em 1993. Fez Mestrado em Direito pela UFSC, tendo defendido sua dissertação em abril de 1983, mesma universidade na qual se graduou em Direito, em 1974. É professor Titular, em regime de Dedicção Exclusiva, também na UFSC. Tem experiência na área de Direito, com ênfase em Direito Tributário, atuando principalmente nos seguintes temas: direito tributário, tributos, Sistema Tributário Nacional, direito público e princípios constitucionais tributários. Atua nos Cursos de Graduação, Mestrado e Doutorado em Direito da UFSC. No Mestrado, atua na linha de pesquisa Sociedade, Controle Social e Sistema de Justiça. No Doutorado, nas linhas Constituição, Cidadania e Direitos Humanos, e Sociedade, Controle Social e Sistema de Justiça. Foi Diretor do Centro de Ciências

¹ Mestranda na Pós-Graduação em Estudos da Tradução da Universidade Federal de Santa Catarina.
E-mail anacarolzen9@gmail.com.

Jurídicas da UFSC, de maio de 2016 a outubro de 2017. Tem vários livros e artigos publicados em sua área de atuação. Professor convidado de várias universidades brasileiras, como ministrante de disciplinas em cursos de Pós-Graduação *latosensu*. Foi coordenador do Curso de Graduação em Direito da UFSC, mandatos 2004-2006 e 2006-2008. Subcoordenador do Programa de Pós-Graduação em Direito da UFSC, mandato 1994-1996 e Coordenador nos mandatos 1996-1998 e 1998-2000. Ex-Presidente do Conselho Curador da Fundação José Arthur Boiteux. Escritor. É membro da Academia Catarinense de Letras Jurídicas, da Comissão de Direito Tributário da OAB/SC e do Instituto dos Advogados de Santa Catarina (IASC).

Como é que foi o seu contato com o francês, a primeira vez?

Meu primeiro contato com o francês foi no antigo ginásio, no Colégio Marista lá em Criciúma. Foi lá que comecei a estudar inglês e francês, tinha um professor de francês que era muito bom. Minha mãe falava um pouco de francês também, então às vezes quando fazia os deveres, eu falava e ela me corrigia, assim, então fui levando o francês e o inglês meio junto, mas com uma certa facilidade maior para o francês, talvez até pela influência da minha mãe, o francês dela também foi de colégio.

Como foi o seu mestrado?

Em 1978, fiz meu concurso para professor aqui na UFSC, passei e comecei a dar aula no mesmo ano. Aqui terminei o mestrado em Direito que tinha começado na PUC/SP. Não defendi a dissertação lá, vim para a UFSC, transferi os créditos e validei as disciplinas que tinha cursado lá. Cursei três disciplinas para completar o currículo do PPGD/UFSC e defendi a dissertação de mestrado em 1983.

Seu Doutorado foi feito na Bélgica. Como é esse país?

A Bélgica é um país que tem 1/3 do tamanho de Santa Catarina. Santa Catarina são 90 mil km² enquanto a Bélgica são 30 mil km². Aqui somos seis milhões de habitantes e a Bélgica tem quase onze milhões. Em 1/3 de Santa Catarina, se concentram 11 milhões de habitantes. A Bélgica tem três línguas oficiais, que é o francês, o *flammand* e o alemão. Uma característica belga, Bruxelas é uma cidade bilíngue, de maioria francofônica, enquanto as outras cidades, ou falam *flammand* (dialeto holandês) ou *walon* (francês). Bruxelas, dependendo do lugar onde você vai, pode ser bem recebido ou ignorado, dependendo da língua que fala.

Uma história interessante sobre as línguas...

Um episódio interessante, que lembro muito bem, ocorreu quando fui registrar minha filha, que nasceu lá. Quando nasce uma criança, é necessário fazer um registro no Consulado Brasileiro. Mas para ir ao Consulado, precisas ir primeiro no cartório do Município de residência, para fazer uma declaração de nascimento, recebes uma certidão, leva no Consulado Brasileiro, eles comprovam que nasceu um brasileiro lá, aí se faz o registro de nascimento no Consulado. Quando nasceu minha segunda filha, estava morando em um município chamado Sterrebeek, na Grande Bruxelas. Entrei no cartório e falei: – *Bonjour...* Tinha quatro funcionários trabalhando e ninguém levantou a cabeça, eu sabia que era uma outra língua, mas não sabia que eles exageravam tanto nesta questão, de exigência “que se fale a nossa língua e não esse francês”, como disse a servidora que veio me atender. Então disse novamente: – *Bonjour...* Um silêncio, todo mundo trabalhando... No meu terceiro *bonjour*, uma mulher levantou a cabeça, olhei para ela, ao mesmo tempo bati no balcão, eles olharam assustados, e perguntei: – *Il n’y a personne qui parle français ici?* Ela apontou para a chefe delas, porque são proibidas de falar francês. Aí agradei (*Merci Madame*), fui para o canto do balcão, e disse: – *Madame, s’il vous plaît, nous avons un petit problème ici, moi, je suis brésilien, je ne parle pas le flammand et je dois faire l’enregistrement de ma fille qui est née hier et je dois faire l’enregistrement au Consulat Brésilien.* Ela levantou e falou bem baixinho, em francês, “o senhor desculpe, mas a ordem que temos é não falar francês aqui, porque nossos habitantes precisam respeitar a nossa língua”. Eu disse para ela: – *Désolé, mais moi je ne parle pas le flammand, on doit parler en français, alors.* Ela disse: – *Oui, bien sûr, c’est juste. Qu’est-ce que vous voulez en fait?* E assim deu certo. O interessante é que no comércio, eles falam francês perfeitamente bem...

Por que você escolheu a Bélgica para cursar o doutorado?

Defendi a dissertação de mestrado uma semana antes de casar, em abril de 1983. Já tinha ideia de fazer o doutorado no exterior. Coincidiu que minha esposa, médica, queria fazer uma especialização em endocrinologia num dos maiores centros europeu nessa área, que era Bruxelas. Um colega do CCJ tinha ido para a Bélgica em 1982 fazer o doutorado, entrei em contato com ele para arrumar um orientador para mim lá, e ele conseguiu, a gente se mandou de mala e cuia... Quando viajamos, minha esposa estava grávida. Consegui a bolsa da Capes para fazer, porque naquela época, só com o salário de professor

era impossível ir para lá. Lembro que havia pleiteado a bolsa em 1982 e em 83. Em 84 finalmente a Capes me concedeu a bolsa, e a gente foi.

Você continuou a estudar francês após se tornar professor na UFSC?

Como vinha tentando bolsa desde 82, ainda nesse ano entrei para a Aliança Francesa para pelo menos sair daqui falando alguma coisa.

Ao chegar à Bélgica, você conseguiu se virar bem na língua?

Sabe que eu pensei que falava bem... Quando chegamos lá, vi que não era bem assim... Tem alguns episódios pitorescos. Minha esposa estava grávida e na primeira semana morando em Louvain-La-Neuve, ela me pediu para comprar um remédio contra enjoos. Saí procurando uma farmácia, não achava, preparei a pergunta para fazer a uma senhora diante de uma vitrine. Cheguei para ela, construí a frase, pensando em português: – *Madame, s'il vous plaît, où est la pharmacie?* Ela me deu uma resposta estranha: – *xi pas, moi...* Isso não tinha aprendido na Aliança... Respondi com um *merci, madame*, e saí procurando. Aquele *pas* me deu a ideia de negação, mas o que significaria *xi pas moi?* Fiquei sem saber se ela soube ou não me informar, porque ela disse aquilo. procurei mais um pouco e achei a tal farmácia. Entrei e cumprimentei a balconista com um *Bonjour!* Ela respondeu em inglês, não lembro exatamente os termos, mas entendi perfeitamente, “*Bonjour. Se o senhor quiser podemos falar inglês*”. Respondi de pronto, em francês: “como meu inglês não é tão bom, prefiro que falemos em português”. – *Desolé, je ne parle pas le portugais*. Eu disse: “*Alors nous allons parler en français...*”, e brinquei com ela, “*dans mon français...*”, ela riu e disse: – *Voilà, qu'est-ce que vous voulez?* Enfim aos trancos e barrancos foi saindo um diálogo.

No seu ponto de vista, qual é o melhor meio de aprender uma língua?

Fiz dois anos de Aliança Francesa, aprendi uma coisa, o melhor jeito de dominar uma língua é o que chamávamos na época, mergulhar no áudio visual da língua, ir para lá, porque aqui estudamos a gramática, a falar mecanicamente, mas a música da língua... é bem diferente.

Seus colegas, falavam bem o francês também?

A maioria falava muito bem. Mas tinha um que falava muito mal, eu dizia para ele:

“Cara, tens que te dedicar mais, vais defender a tua tese e não vai ser em português...”. Ele dizia: “O francês é muito fácil, é só botar o acento na última sílaba e manda ver que eles entendem...”. Mas ele defendeu sua tese em francês, e muito bem!

Quando voltou para o Brasil você falava bem o francês?

Um professor brasileiro, que também fez o doutorado na Bélgica, me disse que o cara que melhor saiu da Bélgica falando francês, fui eu.

De que maneira você estudava francês na Bélgica?

Sabe, creio que 80% de minhas pesquisas envolviam o idioma francês. Lia muito, e dividia minha sala de trabalho na ULB com um irlandês e um espanhol. Então, quando fazia uma pausa, conversava com os dois em francês. Ou seja, mergulhei no francês, aquela história do áudio visual 24 horas por dia. Em função disso, aconteceu um fenômeno interessante, o meu inglês que já não era bom, ficou pior ainda. Desenvolvi bem o francês.

A sua defesa foi em francês?

Foi em francês. Defendi a minha tese em francês, fui muito bem por sinal.

Como foi a construção da tese, em francês?

Foi um aprendizado. Para desenvolver minha tese, levei um projeto de pesquisa pronto. Antes de viajar, entreguei para um outro colega, que dizia que dominava bem o francês, para que vertesse o projeto para o francês. Passei por uma saia justa com o meu orientador lá, Prof. Jean Dussart, porque meu tema era direito tributário, e cada vez que aparecia a palavra *tributário*, meu amigo brasileiro havia traduzido para o francês como *droit tributaire*. Na primeira reunião com o professor Dussart, ele me perguntou: – *Qu’est-ce que c’est droit tributaire?* Aí eu dei uma resposta técnica: – *Professeur, tributaire c’est ce qui vient d’abord de tout la théorie de tribut...* Ele entendeu, obviamente o que eu queria fazer, mas me deu a primeira lição: – *Mais non, M.Balthazar. Tributaire, c’est, par exemple, une rivière qui aide a augmenter le volume d’une autre.* Até o final dos quatro anos e meio que fiquei lá, de vez em quando ele brincava comigo: – *Et alors comment va tes études de droit tributaire?* Não adiantava dizer para ele que não foi erro meu... A escrita foi desenvolvida em francês, redigi a tese diretamente em francês. Claro, passou por uma revisão, um pente fino, inclusive por um professor francês lotado no CCJ/UFSC. Quando estava com a tese quase pronta, ele passou por Bruxelas, e foi lá em casa, mostrei

a pesquisa para ele, que a folheou e disse: “Ubaldo, tem algumas coisas que precisam ser ajustadas”. Aí eu disse: “Já pensei nisso, mesmo porque meu francês não é tão bom assim para fazer uma tese e entregar como está, neste estado”. Ele colocou-se à disposição para fazer uma leitura, corrigindo *mes fautes...* Foi meticoloso, dei uma cópia para ele, e ele fez uma revisão minuciosa. Acontece que o trabalho não estava concluído ainda. Faltava o último capítulo quando ele fez a revisão. Em 1992, quando terminei mesmo, um casal de belgas, muito amigo, realizou uma outra correção e o que tinha passado despercebido pelo meu amigo francês, meus amigos belgas pegaram.

Você conseguiu defender a tese no prazo da bolsa da capes?

Não, acabei não defendendo a tese no prazo, novembro de 1988. A Capes não renovou a bolsa. Além da tese, tinha que entregar o apartamento, vender móveis, limpar e fazer tudo que fosse necessário para sair em paz de lá e não me complicar depois para entrar outras vezes na Bélgica. Voltei para o Brasil em dezembro de 88, retornei para a Bélgica em fevereiro de 89, fechei o apartamento, vendi tudo e avisei meu orientador de que no final do ano (1989), iria defender a tese. Estava pronta, mas não consegui ir ao final de 1989, 1990, 1991 e 1992. Somente em 1993 voltei lá para concluir o processo, com a defesa privada (*devant le jury*), em 22 de setembro de 1993, e a defesa pública em 05 de outubro de 1993.

Como foi a defesa?

Sei que fui para a Bélgica defender a tese em setembro/outubro de 1993. Aliás a defesa *devant le jury* foi em 22 de setembro e, modéstia à parte, eram sete membros na banca e não teve uma correção a ser feita, nem da forma (francês), nem do conteúdo. Detalhe importante, quando cheguei lá em 02 de setembro de 1993, para defender a tese, fui para casa deste casal de amigos belga, eles me convidaram para ficar lá, a defesa prévia estava prevista para 08 de setembro, cheguei na casa deles final de tarde, e meu amigo ao me receber, disse: “Ubaldo *ton français c’est terrible...*” Aí me preocupei e disse: “Como a gente vai fazer?” Ele propôs discuti-la em francês. E ainda tive muita sorte, a mãe de um dos membros da banca adoeceu na véspera da defesa privada, e a banca foi cancelada e transferida para a semana seguinte, aí tive quase três semanas, para treinar bem o francês, ir à defesa privada. É ali que define se você vai para a defesa pública, porque dependendo da atuação do candidato, eles dizem que não dá, e não recomendam ir para a defesa pública, é um teatrão. Sei que no dia da defesa *devant le jury*, foram sete professores na

banca, meu orientador não podia falar, e de vez em quando ficava agoniado quando alguém fazia uma pergunta e ele sabia a resposta, ele conhecia minha tese melhor que eu...

Como foi esta retomada do francês com o casal de amigos belga?

Eles eram do direito também, faziam perguntas específicas, a esposa do meu amigo, olhava e dizia assim: – *Ce truc là, qu'est-ce que tu veux dire avec ça?* Eu dizia: – *Quoi?* Imprimimos exemplares, cada um com o seu, a gente lia junto. Deu tudo certo... Até hoje trocamos ideias, conversamos pela internet, são bem amigos mesmo.

Entre 1989 e 1993 você ficou sem falar francês?

Não totalmente. Falava com minha esposa, em casa. E lia muito romances franceses. A trilogia *O Senhor dos Anéis* li em francês. Gosto muito de ficção científica, e um dos melhores romances franceses, nessa área, sem sombra de dúvidas, é o de René Barjavel, *La nuit des temps*. Li no original, gostei muito.

Você publicou algo lá?

Sim, publiquei um artigo na França em 1988, na *Revue du Marché Commun*. Um professor do Instituto de Estudos Europeus da Universidade de Bruxelas, que me conheceu e pediu o artigo, publicado nesta revista.

Você já fez alguma tradução?

Publiquei um capítulo da minha tese e traduzi para o português, o capítulo introdutório, mas fiz em forma de artigo. Traduzi o segundo capítulo que era *La genèse de la TVA*, como se deu a criação do IVA na Europa. Isso foi por volta de 2004, 2005...

Como foi fazer uma tradução depois de 22 anos?

Não foi tão tranquilo, muitas vezes tive que ir para o dicionário. É um texto meu e tive que ir para o dicionário... Ia traduzindo devagar, mas empacava com frequência... (“O que é que é isso, que frase é essa?”). E parava, tinha que me situar no contexto, não é uma coisa tão simples.

Naquela época, quando escreveu a tese, não precisava tanto do dicionário?

Não sei se foi uma certa facilidade no aprendizado, porque lia muito em francês, todo santo dia, ia para a biblioteca do Instituto de Estudos Europeu, ligado à Faculdade de Direito da

Universidade, ficava de 09h30 às 17h, lendo e fichando, e conversando com o pessoal de lá. Esse processo facilitou escrever em francês.

Você fez algum curso de francês no período que estava na Bélgica?

Fizemos um curso lá mantido por um município da grande Bruxelas, Woluwe St.Lambert. Foram três meses de aula, no final o professor disse que não precisávamos fazer o curso. “Não precisam dominar a gramática, precisam falar e já estão falando bem”. Não era bem isso, mas com esse “incentivo”, largamos as aulas e fomos aprender o francês necessário para vivermos lá...

Do que tratou sua tese?

A minha tese foi sobre o IVA. O IVA é o grande imposto europeu, que todos os países da União Europeia adotam. É um imposto sobre o valor agregado, semelhante ao nosso ICMS, só que mais completo. A minha tese justamente é uma pesquisa sobre o IVA europeu.

Qual era seu projeto inicial?

O projeto inicial era um exame do IVA na União Europeia (UE) e como poderia ser aplicado no Brasil. O projeto envolvia um estudo do IVA europeu, de alguns países. Na época, não eram os 27 países de hoje, eram doze. A proposta, então, era analisar o processo de implantação do tributo em seis Estados membros da UE. Pesquisei então o sistema da Bélgica, França, Portugal, Luxemburgo, Alemanha e a Itália. Analisei o IVA de cada um, como se deu a implantação do imposto em cada um deles, como era o sistema anterior, quais foram os problemas que aconteceram na adoção do novo tributo e como ficou até três anos depois, para depois estudar o ICMS e o IPI, que são os dois impostos de nosso sistema tributário que têm uma estrutura parecida com o IVA, como poderia ser aplicado este sistema no Brasil.

Qual foi o ponto de vista do orientador?

O Prof. Dussart simplesmente disse: “Não, você vai fazer um trabalho europeu, aqui ninguém está preocupado com o sistema brasileiro!” Nessas horas, temos que lembrar do ditado: *Manda quem pode, obedece quem tem juízo*. Meu orientador disse: “Não vai dar para trabalhar esta segunda parte, porque ninguém está interessado nos impostos

brasileiros...”. Tentei ainda argumentar, mas ele disse para eu fazer um estudo quando voltasse para o Brasil.

Enfim, você escreveu sobre o que queria?

Se for quantificar, diria que fiz uns 80% do que pretendia. Mas penso que fiz uma boa pesquisa. Hoje já tem muita gente estudando e discutindo essa temática. Foi interessante, pois acabei por publicar um artigo na *Folha de São Paulo*, durante a Constituinte (em dezembro de 1987), e outro na *Revista dos Tribunais*, uma das principais revistas jurídicas brasileiras, em setembro de 1994.

Porque será que os alunos de Direito da UFSC não optam por estudar francês?

Muitos dos nossos alunos que querem sair vão para os Estados Unidos. Hoje, a palavra mágica se chama Harvard. Mas não só para os Estados Unidos. Muitos vão fazer o Mestrado ou o Doutorado na Europa, optando também pela Espanha e Portugal. Detalhe importante, o direito português hoje está bem mais avançado em relação ao brasileiro, e o direito norte-americano é bem distinto do nosso, então é comum ouvir: “Ah, mas as leis são diferentes...”. As leis são diferentes, mas os princípios são os mesmos, as grandes discussões jurídicas são universais.

Na época que você estava se preparando para postular uma vaga de doutorado na Bélgica havia muitos alunos de Direito estudando francês aqui na UFSC?

Tinha mais gente. O francês até os anos 80 ainda era ministrado no ensino médio, mas perdeu muito o prestígio que tinha, o inglês dominou completamente.

Hoje, é importante também o aluno falar francês?

Olha, na entrada da biblioteca da Universidade Livre de Bruxelas, onde estudei, tem uma frase que diz mais ou menos o seguinte: *O analfabeto do futuro é aquele que falará apenas uma língua*. Nós somos um povo analfabeto linguístico que, somado ao analfabetismo funcional e o analfabetismo propriamente dito, eleva muito o percentual brasileiro de analfabetos! Portanto, quem diz que fala bem o português, mas não fala outra língua, não está preparado para viver neste século XXI...

Quanto à sua pergunta, diria que, se por um lado o inglês é importante por ser uma língua comercial universal, do ponto de vista cultural nossa maior riqueza está no francês. Temos

uma literatura excelente em inglês, não tenho dúvida, mas a língua formadora da base cultural brasileira (e portuguesa) é a francesa. Penso que o francês merece uma atenção maior, pois entendo que a cultura francesa exerceu (e de certa forma ainda exerce), uma profunda influência sobre nós. Não só o francês, também o espanhol merece um cuidado especial. Mas, para mim, o francês é ainda mais importante pois, como disse antes, nossa base é fruto de uma intensa presença na formação cultural brasileira, seja na literatura, na gastronomia etc. Nós somos, em grande parte, um produto da cultura francesa, não tenho a menor dúvida. Basta abrir um dicionário para verificar a quantidade de palavras portuguesas adaptadas do francês! Não podemos esquecer que até quase a metade do século XX a língua mais falada no Brasil, depois do português, era o francês.

Bem analisado, se o inglês é indispensável por ser uma língua comercial hoje universal, então muito em breve teremos que incluir também como necessário e importante, aprender o mandarim, que, além de ser falado por 1/3 da população mundial, representa uma cultura que vem exercendo uma influência cada vez maior nas relações comerciais em nosso dividido planeta!